Projeto Sampa: Educomunicação para as Sensibilidades

DANILO VAZ RIBEIRO

INTRODUÇÃO

O presente artigo - Projeto Sampa-Educomunicação para as sensibilidades - pretendeu contemplar o estudo da formação da cidade de São Paulo e a forma como as pessoas se relacionam com ela, valorizando a importância do território de União de Vila Nova para a cidade, e da cidade para o bairro.

Nesta intenção vivenciamos ações que permitiram a compreensão do contexto histórico local, da importância da garantia dos direitos humanos e o direito à cidade, empoderando os educandos a atuarem como agentes transformadores de seus espaços através das políticas públicas.

O desafio do Projeto Sampa, foi criar paralelos entre a história da formação da cidade com a realidade dos nossos educandos, de forma que as suas identidades fossem valorizadas em ambos os contextos. Ao valorizar as relações interpessoais e o contexto histórico de nossa formação, propiciamos ao educando o reconhecimento de seu próprio valor, promovendo sua autoestima como ser humano pleno de dignidade, cooperando para a formação de seu protagonismo e cidadania.

Desta forma construímos juntos novos saberes e democratizamos a informação e acessos aos equipamentos públicos de nossa cidade, contribuindo para formação do senso crítico, a conscientização, sensibilização e definição de novos pilares sociais que apoiem a reconstrução de uma sociedade mais cidadã e sensível.

1 RELATO DE EXPERIÊNCIA

A educação se divide em duas partes: a educação das habilidades e a educação da sensibilidade. Sem a educação da sensibilidade, todas as habilidades são tolas e sem sentido". Rubem Alves.

Trabalhar com o Projeto Sampa foi uma maneira de induzir os educandos à participação social, centrando-se na violação dos direitos humanos, que os tornou parte do ciclo de uma sociedade extremamente consumista, que não se olha, que não se relaciona, que não se sensibiliza, onde o tempo é dinheiro. Além disto, visamos pontuar a participação ativa e significativa do educando no contexto político–social de seu bairro /cidade, como principais agentes de transformação, por meio de pesquisas teóricas ou práticas, ações culturais ou através da ludicidade.

Segundo o Professor Ismar de Oliveira, é necessário “Ampliar as condições de expressão da juventude como forma de engajá-la em seu próprio processo educativo.” E assim, a história da formação de nosso território abriu um leque de possibilidades e nos permitiu criar ações políticas pensadas de forma democrática. “É impossível ensinar participação sem participação”. (FREIRE. 1986, p. 114). Portanto, educar para e pela democracia implicou em criar meios para que estes educandos se posicionassem, para tal utilizamos as assembleias, , incentivando-os sempre a disseminarem estas práticas dentro de seus contextos escolar e na própria cidade, tendo como principal foco as pequenas ações e relações do dia-a-dia, no intuito de trabalharmos para a formação de uma cidade cada vez mais educadora e democrática. Para iniciarmos o projeto, partimos de várias rodas de conversa e debates, para entendermos o que os educandos tinham como referência e experiência da cidade e sua história. Durante este processo de escuta, falas como “A cidade não para”; “No nosso bairro não tem nada”; “As pessoas no centro de São Paulo não se olham”; “Estão todos acelerados” e “Meus pais trabalham demais e não brincam comigo”, começaram a surgir e desenhar os primeiros passos do projeto. Isso nos possibilitou planejar ações futuras, tendo claro a necessidade de questionarmos a forma como olhamos para a cidade e principalmente como nos relacionamos com ela.

2. O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Nós nos estruturamos em quatro etapas de trabalho, que foram realizadas ora consecutivas, ora de forma concomitante.

Deste modo, a primeira etapa foi destinada à pesquisa. Neste processo foram realizadas apresentações das pesquisas realizadas pelos educandos juntamente com os educadores, assim como os levantamentos de dados encontrados na internet, e a realização de atividades que os inserissem no contexto histórico da formação da cidade de São Paulo, potencializando a construção de um conhecimento político, social e cultural.

Portanto para concretizar esta etapa, foram desenvolvidas algumas ações que resultaram no:

- Entendimento da formação da Cidade e seu zoneamento;
- Mapeamento da cidade de São Paulo, com a identificação dos principais pontos históricos, culturais e políticos;
- Debates relacionados ao tema de pesquisa;
- Identificação dos movimentos culturais presentes na cidade e no bairro;
- Entendimento da formação da cultura paulista.

A segunda etapa foi o momento de imersão. Quando os educandos vivenciaram as pesquisas realizadas, por meio de visitas, encontros e atividades lúdicas. Esta etapa permeou as seguintes ações:

- Visita aos principais pontos (históricos, políticos, culturais) mapeados pelos educandos dentro da cidade e do Bairro de São Miguel Paulista;
- Releitura do Centro Velho de São Paulo, conhecendo a história e articulando ações culturais e políticas que foram utilizados dentro dos processos finais do projeto;
- A exibição de filmes e curtas que relatassem a história da cidade;
- Pesquisa e entrevistas com moradores e personagens importantes para a formação do bairro de União de Vila Nova;
- Registro das ações vivenciadas durante o processo;
- Jogos lúdicos, corporais, teatrais e imagéticos.

A terceira etapa do projeto foi a criação. Nesse momento os educandos produziram materiais pautados nas vivências obtidas no Projeto Sampa, ressaltando que esta etapa foi realizada concomitantemente às outras.

Esta etapa abrangeu a criação, construção e ensaios de intervenções artísticas, assim como comunicativas, englobando teatro, dança, cinema, imagem, fotografias e a pesquisa no qual os educandos puderam se expressar de forma sensível, e pontuando assim as suas percepções por meio de registros interativos.

Esta etapa teve como eixo norteador as seguintes ações:

- Produção de documentários, curtas-metragens, lambe-lambe, gibis e músicas;
- Montagens de exposições;
- Realização de fotografias digitais e em câmera de lata;
- Construção de dois espetáculos teatrais que foram baseados nas histórias e vivências que a cidade de São Paulo nos proporcionou, sendo eles: “Um gole de Vida” e “O Bicho”. Ambos espetáculos foram trabalhados com a junção do teatro e a multimídia;
- Construções de intervenções culturais, como as manifestações em prol do amor, abraço grátis e flash mob;

Por fim tivemos a quarta etapa que foi a conclusão. Nesta etapa realizamos as apresentações resultantes do Projeto Sampa. Entretanto elas não ficaram presas ao final do projeto já que caminharam simultaneamente com as demais ações e foram utilizadas para o fechamento deste ciclo.

A conclusão além do seu conteúdo estético e artístico, também nos possibilitou avaliar a abrangência, a interação e amplitude do Projeto Sampa para os educandos, educadores, comunidade educativa e gestão, sendo muito mais que uma avaliação quantitativa. Buscamos nesta etapa, registros sensíveis e percepções que compusessem a nossa avaliação qualitativa.

Como finalização, propusemos três dias de apresentações dentro do nosso espaço, recebendo cerca de mil espectadores no total. Neste encontro disponibilizamos as atividades, pesquisas, documentários, fotografias, áudios e as peças teatrais desenvolvidas durante a pesquisa.

Na pedagogia de Projetos, a relação ensino/aprendizagem é voltada para a construção do conhecimento de maneira dinâmica, contextualizada, compartilhada, que envolva efetivamente a participação dos educandos e educadores num processo único de troca de experiências. Nela se fortalece os vínculos entre os envolvidos e trabalha na horizontalidade, quebrando o paradigma de que só um é detentor da sabedoria, excluindo o sentimento que os nossos educandos possuem da escola, que é aquela que generaliza o tempo do saber, que “fabrica” os alunos para indústria e não para a vida. Com essa postura a aprendizagem se torna prazerosa, pois ocorre a partir dos interesses dos envolvidos no processo, da realidade em que estes estão inseridos e que faz sentido para eles, o que ocasiona motivação e satisfação em aprender/ensinar.

A grande dificuldade do educador neste processo é o medo do “não saber”, e se reinventar é sempre um árduo trabalho, já que ele está ali no papel de “líder”, ou seja, o que ensina, o estereotipado que precisa transmitir e produzir conhecimento, assim como as fábricas produzem os seus produtos. Neste contexto, o educador e o educando ocupam o mesmo espaço, porém falando línguas diferentes, a lacuna entre ambos se torna o principal ruído na intermediação dos saberes, o que resulta na retroação da aprendizagem, criando a “escola que odiamos”. Porém, quando democratizamos nossas práticas educativas, centralizando-as na pesquisa, na troca e na sensibilidade, conseguimos atuar em campos complexos de forma simples e prática.

Nesta perspectiva os direitos humanos apareceram no Projeto Sampa, de forma orgânica, ele começou a ser inserido dentro das reflexões e ações trazidas tanto pelos educandos quanto pelos educadores, até que se tornou o fio condutor de nossa pesquisa.

Os principais debates e reflexões sobre este tema estavam ligados à violação de direitos humanos e também na busca da participação do cidadão na prevenção contra estes abusos. O ponto de partida foram os relatos de experiências trazidos pelo próprio grupo. Direito ao lazer, educação, liberdade de expressão, dignidade humana dentre outros, dentro de uma roda de conversa com crianças de 05 a 15 anos de idade. Esse momento possibilitou a absorção destes conhecimentos de forma prazerosa e com sentidos para a vida, voltada para o exercício da cidadania em seu sentido mais pleno, em que os cidadãos efetivamente participaram e refletiram suas decisões políticas, ainda que pequenas, mas que diretamente afetavam o cotidiano de todos.

A partir do conceito da educomunicação que se resume em ampliar as condições de expressão da juventude como forma de engajá-la em seu próprio processo educativo, essa linguagem foi responsável por ampliar, através das ferramentas midiáticas, os espaços de voz dos educandos, os tornando os principais protagonistas das ações que foram desenvolvidas. Isso contribuiu para a construção de uma prática educativa inovadora e participativa, seja por meio da educação ou da comunicação, mas sempre voltada a pesquisa, aguçando a curiosidade para que o projeto se mantivesse “vivo” e fizesse sentindo aos envolvidos.

Durante o projeto as pesquisas foram feitas de forma prática e teórica. Imergimos na história do bairro a partir de documentos oficiais, das histórias que conhecemos com as entrevistas, dos patrimônios históricos que temos em nosso território, e das violações que compõe a história desta formação. Caminhamos, então, para a formação da cidade, a economia, cultura e educação paulistana, até chegarmos na política através de uma visita

monitorada a Câmara Municipal dos Vereadores e da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Por fim, observamos a forma que nos relacionamos com a cidade e com o outro. Além das possibilidades midiáticas e educativas, a educomunicação se integrou neste projeto com universo artístico através do teatro, compreendendo que a arte faz parte da nossa construção de mundo, permeia os nossos trajetos, e possibilita o protagonismo.

O teatro permeou toda a pesquisa no papel de sincronizar estes saberes, e de manifestá-los através do corpo, abrindo caminhos para a discussão das realidades envolvidas no processo partindo de várias perspectivas. Com este recurso vimos paradigmas serem desconstruídos, medos serem superados e principalmente a aproximação e respeito ao corpo do outro, desencadeado em uma educação sensível para a vida.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontramo-nos num verdadeiro limite entre a civilização e a barbárie, estando esta, instrumentalizada por todas as maravilhas científicas e tecnológicas proporcionadas por aquela (vide os artefatos nucleares ao alcance de grupos extremamente preconceituosos e fanaticamente religiosos, por exemplo). “O desrespeito à vida, a todas as formas de vida, campeia ao derredor, com assassinatos banais, gangues enfurecidas, destruição do meio ambiente e o lucro fácil vencendo a preservação das condições vitais no planeta. Parece que estamos nos tornando mais e mais insensíveis, não só em decorrência do tipo de vida e de educação a que estamos submetidos, mas também como um mecanismo de defesa em face dessa brutalidade crescente e amedrontadora.” (DUARTE. 2010, p.25).

Quando falamos em educação para as sensibilidades, nós estamos falando do conceito estético, não este que foi deturpado, mas sim das sensibilidades natas ao homem, a natureza, que liga e integra o humano, a sensibilidade que perpassa as relações interpessoais, e que infelizmente a sociedade e a escola cada vez mais se distanciam.

O Projeto Sampa, ainda que minimamente, conseguiu reatar alguns campos sensíveis, que acreditamos ter sido o ponta pé inicial para a construção de uma comunidade educativa mais sensível. Apesar de termos sido premiados com o Prêmio Milton Santos pela Câmara Municipal dos vereadores de São Paulo, o maior prêmio, foram as pequenas faíscas de sensibilidades que o projeto deixou por onde caminhou, seja no bairro ou no centro, a cidade se tornou um espaço de todos e a educomunicação e o teatro provaram que a utopia educacional se resume em aprender fazendo.

REFERÊNCIAS

DUARTE Jr., João-Francisco. **A Montanha e o videogame**: escritos sobre Educação. Campinas: Papyrus, 2010.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

Rede Marista de Solidariedade, **Direito à Aprendizagem e Gestão Democrática**: caminhos possíveis. Curitiba: Champagnat, 2016.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos- a educação (do) sensível**. 4. ed. Curitiba: Criar edições, 2006.

RMS. **Conviver Marista: um novo caminho para a educação em contexto não escolares**. Curitiba, 2016.

O AUTOR

DANILO VAZ RIBEIRO - É formado em Comunicação Social– Design pela Universidade Mogi das Cruzes, SP (2009). Trabalha como educador social na Rede Marista de Solidariedade.